



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO,
APERFEIÇOAMENTO E EXTENSÃO



**PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
FORMAÇÃO DE ORIENTADORES DA APRENDIZAGEM EM EAD**

ELBIA DO VALLE PINHEIRO

PERFIL DO PROFESSOR TUTOR DO TELECURSO TEC 2009

São Paulo
2010

ELBIA DO VALLE PINHEIRO

PERFIL DO PROFESSOR TUTOR DO TELECURSO TEC 2009

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção de título de Especialista no curso de Pós Graduação *Lato Sensu* –

Orientadora: Profa. Dr^a. Maria da Graça Moreira da Silva

São Paulo
2010

ELBIA DO VALLE PINHEIRO

BANCA EXAMINADORA

São Paulo, dezembro de 2010.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho em primeiro lugar aos meus pais que me deram a essência do que sou. Aos meus filhos que são minha razão de ser e ao meu amado esposo com quem busco ser melhor.

AGRADECIMENTOS

- ☞ Agradeço primeiramente ao Pai que tudo criou e que me dá a vida necessária para as conquistas, à minha orientadora prof^a. Dr^a Maria das Graças Moreira que de forma muito paciente e dedicada me ajudou e deu força para que eu concluísse o trabalho.
- ☞ Aos colegas de curso com quem passei momentos ótimos.
- ☞ A minha amiga Janaina pela companhia em todas as viagens.
- ☞ A minha família que aceitou minha ausência torcendo sempre pelo meu sucesso.

PELA INTERNET – GILBERTO GIL

Criar meu web site
Fazer minha home-page
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada
Um barco que veleja ... (2x)
Que veleje nesse informar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve um oriki do meu orixá
Ao porto de um disquete de um micro em Taipé
Um barco que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve meu e-mail até Calcutá
Depois de um hot-link
Num site de Helsinque
Para abastecer
Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tietes de Connecticut
De Connecticut de acessar
O chefe da Mac Milícia de Milão
Um hacker mafioso acaba de soltar
Um vírus para atacar os programas no Japão
Eu quero entrar na rede para contatar
Os lares do Nepal, os bares do Gabão
Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular
Que lá na praça Onze tem um videopôquer para se jogar...

RESUMO

Este trabalho foi realizado com objetivo de apresentar o perfil do professor-tutor que atuou no Projeto Telecurso Tec no ano de 2009, uma parceria entre o Centro Paula Souza e a Fundação Roberto Marinho no oferecimento de curso técnico profissional a alunos das escolas estaduais do estado de São Paulo. Traça uma linha do tempo da história da Educação no Brasil e da legislação da educação à distância; o início do uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação e analisa o perfil dos professores que pretendem atuar ou atuam com ensino à distância. Faz referência sobre as fases da educação a distância e destaca o papel do Telecurso nessa fase, projeto educacional de sucesso reconhecido no Brasil.

Palavras-Chave – Educação a Distância, Teleducação, E-learning, Construtivismo, TIC.

ABSTRACT

This work has been done with the objective to present the profile of the tutors who participated in the Telecurso Tec Project in the year 2009, a partnership between Paula Souza Center and Roberto Marinho Foundation offering professional technical course to students from the public schools of São Paulo state. It draws a time line of the Education history in Brazil and of the distant learning legislation, the beginning of the pedagogical use of the information and communication technologies and analyses the profile of the teachers who intend to work or already work with distant learning. It refers to the stages of distant learning and highlights the role of Telecurso on this stage, a successful educational project recognized in Brazil.

Key-words – Distant Learning, TV-learning, E-learning, Constructivism, ICT.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sexo dos respondentes.....	40
Figura 2 - Nível de escolaridade.....	41
Figura 3 - Tempo de casa.	41
Figura 4 - Grau de conhecimento de TIC.....	43
Figura 5 - Faixa etária.....	43

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	10
2 INTRODUÇÃO E COLOCAÇÃO DO PROBLEMA	13
3 MÉTODO	19
4 REFERENCIAL TEÓRICO	21
4.1 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL	21
4.2 LEGISLAÇÃO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EAD)	24
4.3 O USO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS NA EDUCAÇÃO	26
4.4 COMPETÊNCIA PARA OS “NOVOS” PROFESSORES E ALUNOS	29
4.5 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA COMO FOI?	32
4.6 O E-LEARNING E O CONTRUTIVISMO	36
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	39
6 CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES	45
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELOS PROFESSORES DO TELECURSO TEC NO ANO DE 2009.	50
APÊNDICE B – ENTREVISTA COM O COORDENADOR DO TELECURSO TEC DO CENTRO PAULA SOUZA.	51

1. APRESENTAÇÃO

Graduada em Biologia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), morei em vários estados trabalhando em várias secretarias estaduais de educação, como professora de EJA, Ensino Médio, Fundamental e Técnica em Educação Profissional, na Secretaria Estadual de Educação do Tocantins (SEDUC), Palmas. Essa diversidade de experiências políticas, educacionais e culturais me proporcionou uma visão de como o planejamento educacional por parte dos governos e o acompanhamento pelas secretarias estaduais de educação de forma organizada, pode influenciar o desenvolvimento de toda uma população.

Minha primeira experiência aconteceu no estado do Mato Grosso do Sul, estado relativamente novo, sou natural de Corumbá, cidade com a cultura bastante influenciada pelos paranaenses e cariocas, de uma natureza rica, rodeada pela maior planície alagável do planeta, o Pantanal. Região que tem seu ponto forte na pecuária de reprodução e de corte. Mas, durante muito tempo não teve nenhum planejamento na área de educação voltado para essa realidade. Isso é um exemplo de uma política pública ainda em estruturação.

Em contraste com isso, e coincidentemente, trabalhei em outra cidade - agora no Mato Grosso, estado mais antigo, na cidade de Cáceres, a mais ou menos 200 km da capital Cuiabá. Região também bastante rica em fauna e flora pantaneira e com muitas fazendas de gado de corte, criação de ovinos, eqüinos e plantações de soja. Nessa região já encontramos muitos cursos profissionalizantes voltados para essa realidade, como por exemplo, os cursos oferecidos pela Escola Agrotécnica Federal de Cáceres, EAFC, onde fui professora do ensino médio durante dois anos e meio. Essa escola tinha incentivo diretamente do governo federal com política educacional planejada e reportada ao Ministério da Educação (MEC) e contava com

laboratórios bem equipados, anfiteatros, refeitórios, padarias, ambulatórios médicos e odontológicos, nutricionistas, professores bem capacitados. Essa estrutura faz da escola uma das mais procuradas pela população do estado e até de fora do país, por haver um sistema de intercâmbio.

Depois do Mato Grosso fui trabalhar no Tocantins, o estado mais novo do Brasil, residindo na cidade de Palmas - capital do estado, cidade planejada, onde tudo é novo, a educação é marcada pela construção de grandes escolas. Em conformidade com o governo federal as secretarias tentam implantar todos os projetos educacionais que são criados. Eu participei da implantação de alguns como o Ensino Médio Integrado, o Programa de Expansão da Educação Profissional, dentre outros. Como trabalhei na Gerência de Educação Profissional onde os cursos técnicos do sistema “S” eram avaliados e liberados para implantação bem como os projetos de ensino técnico da Secretaria de Educação do Estado do Tocantins (SEDUC). Nessa gerência cuidávamos também da construção, implantação de escolas técnicas e da capacitação dos professores. Naquele momento profissional senti uma grande necessidade de poder realizar as capacitações de forma não presencial, pois as cidades do estado são muito distantes umas das outras e isso demandava um desgaste muito grande pessoal, profissional e principalmente de verbas.

Nasce aqui o sonho da Educação a Distância (EAD) em minha vida. Por motivos pessoais precisei me mudar novamente, desta vez para o estado de São Paulo, onde ingressei no setor educacional pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica do Estado de São Paulo (CEETEPS). Sobre o qual falarei mais um pouco na introdução deste trabalho. Como professora do CEETEPS pude participar da seleção para ingressar neste curso de Especialização de Orientadores de aprendizagem para EAD, que se articulou muito bem com minhas expectativas de poder aprender como trabalhar a educação de forma não presencial, o que sempre achei ser uma solução viável para o problema que é a extensão territorial de nosso país.

Este trabalho está organizado em 05 capítulos, conforme descrição a seguir:

O capítulo Introdução e colocação do problema apresentam de forma geral a idéia principal do trabalho, descrevendo como será apresentado o mesmo, colocando as primeiras idéias sobre o tema a EAD e as mudanças ocorridas com suas conquistas.

O capítulo 2 cita a metodologia a ser aplicada na realização do trabalho, qual o tipo de pesquisa a ser usada, de que forma e com quem foi aplicada.

O capítulo 3 – Referencial Teórico faz o levantamento bibliográfico que é a base de toda a discussão do trabalho, inicialmente se discute a História da Educação no Brasil, a prática da EAD em forma de Legislação no Brasil, o uso das TIC em educação e faz um pequeno traço do perfil do professor nessa nova realidade.

O capítulo 4 apresenta a análise e a discussão dos resultados, colocando em forma de gráficos, enumerados no índice de gráficos, como ficou o resultado da pesquisa e fazendo uma análise disso a luz do que já antes havia sido escrito.

Por último o capítulo da conclusão e considerações finais trás as últimas palavras sobre o que foi discutido em todo o trabalho.

2. INTRODUÇÃO E COLOCAÇÃO DO PROBLEMA

Até a segunda metade do século XX uma pessoa praticava no final de sua carreira as competências adquiridas durante sua juventude: seu saber, quase inalterado, que passava a seus filhos e aprendizes (LÉVY, 1999). Hoje a velocidade da informação é tamanha que faz com que as pessoas necessitem de formação ao longo da vida, dentro da própria profissão, ou, várias vezes, concluindo outras especialidades.

Vivemos hoje numa sociedade complexa, inundada por torrentes de informações, o que nos remete a necessidade de classificá-las e analisá-las, transformando a informação em conhecimento pertinente (MORIN, 2000), pois segundo Delors (2000) o aprendizado é constante ao longo da vida. Os indivíduos controlam as ações de partes e não mais do todo, o que torna “a percepção parcializada da realidade” roubando do homem “a possibilidade de uma ação autêntica sobre ela” (FREIRE, 1992, p. 34).

De acordo com Freire (1992, p. 81) o conhecimento requer curiosidade por parte daquele que procura respostas frente ao mundo, o que “demanda uma busca constante”.

Verificamos uma mudança de paradigma que, analisado primeiramente em 1970 por Kuhn apud Santos (1996), resulta da acumulação de crises no interior de um paradigma toda vez que este não consegue resolver ou responder aos problemas que se colocam.

Segundo Santos (1996), a crise que hoje vivemos inclui condições sociais e teóricas, recuperando idéias que, embora impensáveis dentro do paradigma dominante foram sobrevivendo em discursos marginais. O autor acredita que o paradigma científico que deverá emergir não será apenas científico, mas também um paradigma social.

Na perspectiva do paradigma educacional emergente, surgem opções metodológicas que representam um caminho para orientar a aprendizagem e o ensino como uma pesquisa – coletiva e compartilhada – cujo sucesso

depende do envolvimento e da parceria do grupo que desenvolve ações diferenciadas, como saber pensar, aprender a aprender, aprender a conviver, aprender a ser, aprender a fazer, aprender a conhecer e a se apropriar dos conhecimentos próprios (OLIVEIRA, 2003, p. 32).

A educação passa, portanto, por uma fase de transição, “a escola torna-se um importante objeto de estudo cujo papel social é o de gerar o saber” (BUARQUE, 1994). Para que este compromisso seja firmado é necessário que haja comunicação, mesmo que esta seja a distância.

A comunicação não é apenas a transmissão de uma mensagem, como se definia antigamente, mas sim partilhar o sentido. Isto já é mais difícil já que significa partilhar cultura, um contexto comum, uma história, etc. Para Lévy (1999), para que se tenha comunicação é necessário que se tenha alguma coisa em comum.

Freire (1992, p. 92), “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”.

Diante desse novo quadro o professor passa a ser um intelectual produtivo (IANNI apud PINHO, 1999). Enquanto em épocas passadas apenas o conhecimento técnico era valorizado, hoje é necessário que ele saiba converter as bases da ciência que ensina em matéria de ensino. Isto também pode ser entendido como um trabalho pedagógico, onde para isso devem ter conhecimentos do campo sociológico, filosófico, político, incluindo formação didática, metodologia da pesquisa dentre outras (LIBÂNEO, 1999).

Concomitante a toda esta revolução pedagógica observamos também o conjunto de tecnologias eletro-eletrônicas que a partir do século passado começaram a afetar nossa vida de forma quase revolucionária, como o telégrafo, o telefone, a fotografia, o cinema, o rádio, a televisão, o vídeo e o computador, hoje todas elas digitalizadas e integradas no computador, dinamizam o processo de aquisição e compreensão das informações. Uma das características mais interessantes desse conjunto de ferramentas é que toda esta informação pode ser adquirida em tempo real.

A Internet, como rede mundial de computadores interconectados, é um privilégio da vida atual. É onde se encontra a maior quantidade de informações acessíveis a qualquer pessoa que esteja em qualquer parte do mundo. O que torna a Internet tão diferente das outras invenções humanas é o curto período de tempo em que ela precisou para ser usada por milhões de pessoas, pois criada em 1969 (como proposta de comunicação militar durante a Guerra Fria), esta rede chamada de ARPANET, precisou de um curto período de tempo para atingir aproximadamente 542 milhões de usuários no mundo em janeiro de 2008 (LALLI; BUENO; ZACHARIAS, 2008).

Sendo, no início, um privilégio apenas das instituições governamentais e forças armadas, grandes universidades e de pesquisadores, hoje a Internet invade as salas de aula e as casas, facilitando a vida e inovando a forma de educar.

Uma dessas formas é a educação à distância pela Internet, hoje uma realidade acessível. Segundo Castro (2003), mais de 80 mil alunos já concluíram curso on-line de graduação e pós-graduação no Brasil.

Segundo a autora, mais de 27 mil professores sem ensino médio completo já foram beneficiados pelo Programa de Formação de Professores em Exercício (PROFORMAÇÃO), da Secretaria de Educação à Distância (SEED), órgão do MEC, e mais oito (8) mil se inscreveram no ano de 2003.

A metodologia empregada nesta modalidade de educação está sendo adaptada para um cenário do ciberespaço, para melhor atender o perfil do aluno, agregar valores ao processo de ensino e aprendizagem, atender prontamente aos que se encontram dispersos geograficamente, inclusão de deficientes e principalmente àqueles que não têm possibilidade de acesso a educação presencial.

Diante desta nova modalidade de ensino, os professores passam a se preocupar cada vez mais em satisfazer as expectativas dos alunos, que, de acordo com Pimentel (1993) podem ser

resumidas em: que estes professores possuam uma mente aberta a questões críticas, problemas, especulações e teorias; que eles tenham o conhecimento necessário a vida profissional, que extrapole a sala de aula, e que este professor esteja aberto a mudanças, reformulando conceitos e valores, sempre que necessário, crescendo e amadurecendo. Diante destas novas exigências é que entram as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) como meio para agilizar as mudanças esperadas.

Na educação, diferentemente de outros setores, como o comercial, o industrial e os meios de comunicação, que utilizam as máquinas principalmente como um meio rápido e eficaz de transmissão de dados, os computadores devem ser utilizados por alunos e professores como meio de aprendizado e desenvolvimento intelectual, no sentido de construção de significados.

Segundo Gil (1999), “o papel do computador no ensino não apenas pode ser o mais variado, mas também pode adaptar-se a qualquer método ou perspectiva pedagógica”, o que mostra sua vasta versatilidade.

Mesmo diante de tantos problemas no ensino básico e fundamental, no ensino médio e superior as TI são grandes aliadas, como meio “facilitador” do conhecimento, como, por exemplo, através de seu uso na Educação a Distância (EAD).

Diante disso a Fundação Roberto Marinho, pioneira em projetos educacionais no Brasil, inicia uma parceria no ano de 2005 com o governo do estado de São Paulo, representado pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), renome no estado em educação pública de ensino técnico de nível médio.

Segundo Benvenuti (2008), o CEETEPS, foi criado no ano de 1969 com o objetivo de suprir a necessidade de mão obra especializada no estado.

O Centro Paula Souza foi fundado em 1969, com o Decreto-Lei de 06/10/1969 (alterado pela Lei 4.672/85) assinado pelo, então, governador Roberto Costa de Abreu Sodré, com objetivo de suprir a necessidade de mão de obra especializada no Estado, decorrente da industrialização e do desenvolvimento econômico vivido naquele momento. É entidade autárquica destinada a

articular, realizar e desenvolver a educação tecnológica nos graus de Ensino Médio e Superior, vinculado à Secretaria de Desenvolvimento do Estado de São Paulo (BENVENUTI, 2008, p. 29).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), citados na página do globo.com, já somos considerados como um país de terceira idade onde o número de pessoas com mais de quarenta anos quase ultrapassa o número de jovens, ainda temos uma grande parcela jovem que precisa de atenção redobrada.

Vivemos um momento de grande velocidade da informação, das descobertas, do conhecimento rever, reinventar, reorganizar, “adquirir competência para” são as palavras do momento. As TIC, bem como outras mudanças no cenário mundial como a globalização da economia, avanços científicos tecnológicos e sociais, estão impulsionando e promovendo mudanças nas organizações e exigindo cada vez mais atualização e capacitação dos profissionais que querem ingressar ou se manter no mercado de trabalho. Essa realidade atinge em especial o Brasil e países em desenvolvimento, uma vez que pode promover desigualdades de oportunidades devido a desigualdade no acesso.

A necessidade de formação, de mão-de-obra especializada, voltada para as novas realidades do mercado é urgente. Pensando nisso, voltamo-nos à realidade de nossos jovens que, segundo Benvenuti (2008, p. 33), “só no estado de São Paulo somam-se mais de um milhão”, com idade potencial para formação técnica, que se faz necessária para evitar que essa massa jovem caia na marginalização, drogas e outros problemas sociais que a falta de qualificação e conseqüente desemprego causam.

Como proposta para atender a essa parcela da população, bem como, a todos que queiram ampliar conhecimentos e se atualizar, nasce o Telecurso TEC, Programa de Formação Técnica e Qualificação Profissional de Nível Médio. Segundo Benvenuti (2008, p. 33) “une a experiência em teleducação da Fundação Roberto Marinho com a excelência em ensino técnico do CEETEPS”. O Telecurso TEC, desta forma, é um novo formato do Telecurso original

organizado pela Fundação Roberto Marinho para promover a formação da parcela da população que necessita de qualificação profissional, voltado em especial a jovens e adultos.

Ainda, segundo Benvenuti (2008, p. 33),

A Gestão do Programa é feita, em parceria, pela Fundação Roberto Marinho e pelo Centro Paula Souza de Educação a Distância (CPSEAD). (...) Os critérios utilizados para a escolha dos cursos foram: demanda por parte do público-alvo, oportunidades existentes no mercado de trabalho e a adequação da TV como elemento instrucional e o fato dos cursos escolhidos não necessitarem, obrigatoriamente de laboratórios, facilitam sua adaptação à EAD. O Estado de São Paulo abriga o Projeto Piloto por apresentar demanda, representada por diferentes faixas etárias, níveis de escolaridade, número de vagas disponíveis no mercado de trabalho e não preenchidas por falta de mão de obra qualificada e interesses regionais diversos.

Frente a este quadro, este trabalho, tem por objetivo, analisar o perfil acadêmico e profissional de um grupo específico de professores que atuou no projeto – Telecurso TEC – realizado em parceria entre as instituições: Fundação Roberto Marinho, Centro Paula Souza e Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, no ano de 2009.

No próximo capítulo será descrita metodologia aplicada para a realização do trabalho de pesquisa.

3. MÉTODO

Com a emergência da educação a distância, a necessidade do aperfeiçoamento docente para uso desta modalidade de ensino se faz cada vez mais urgente.

Assim sendo, essa pesquisa visa realizar um estudo de caso buscando traçar o perfil do professor (integrante do Centro Paula Souza) que atuou no Telecurso TEC em 2009 no estado de São Paulo como tutor.

Através de levantamento bibliográfico o trabalho se propõe a levantar dados a respeito do perfil ilustrado por autores para os professores que pretendem ou que já trabalham com a educação a distância.

Utilizando o método qualitativo, e empregando como instrumentos de coleta de dados questionários que deverão ser respondidos por professores que tenham trabalhado no Telecurso TEC do ano de 2009 e uma entrevista feita com o coordenador que atuou no referido projeto no mesmo ano, delinaremos o perfil do professor que atuou na fase inicial deste projeto.

A trajetória metodológica se fará por meio de: levantamento bibliográfico como primeira etapa; pesquisa de campo (questionários/entrevistas) segunda etapa e análise dos dados e conclusão do trabalho como terceira e última etapa.

Os sujeitos da pesquisa são os professores tutores que atuaram diretamente com os alunos (orientadores da aprendizagem) durante o curso no ano de 2009. Os gestores são as pessoas envolvidas no curso como os coordenadores nomeados pelo Centro Paula Souza para monitorar o desenvolvimento do projeto nas diferentes Escolas Técnicas responsáveis.

O questionário (Apêndice A) aplicado traz questões que abordam a formação do professor, quanto tempo de contrato, qual o grau de instrução em informática, etc. Essas questões visam dar resposta às hipóteses criadas, como a que defende que a maioria dos

professores que participaram do projeto são professores com tempo de contratação no CEETEPS relativamente novo.

O Telecurso TEC é um curso semi-presencial, com objetivo de certificar e qualificar pessoas na área técnica, parceria realizada entre o CEETEPS e a Fundação Roberto Marinho, que aconteceu no ano de 2005. Inicialmente concebido para ser aplicado no Estado de São Paulo, hoje já pode certificar alunos de todo o país. Conforme relatado no Guia de Implantação do Telecurso TEC, criado pelo Centro de Educação a Distância/Centro de Ensino Médio e Técnico (CEad/CETEC).

O Telecurso TEC é um programa de formação técnica e qualificação profissional, na modalidade híbrida (presencial e a distância), que oferece, no momento, três Cursos Técnicos: Gestão de Pequenas Empresas, Administração Empresarial e Secretariado e Assessoria. O programa é resultado de um contrato entre o Governo do Estado de São Paulo – por meio do Centro Paula Souza – e a Fundação Roberto Marinho. Concebido para ser aplicado inicialmente no Estado de São Paulo, já está se estendendo progressivamente para outros estados do Brasil como Minas Gerais e Goiás. Na modalidade aberta (totalmente a distância), o Telecurso TEC já tem possibilidade de cadastrar, avaliar e certificar alunos dos outros estados brasileiros e Distrito Federal (Guia de Implantação/CEad/Cetec).

A partir daqui, apresentaremos pontos relevantes para essa discussão como a História da Educação no Brasil, a estruturação da EAD em forma de legislação, o advento da informatização na realidade mundial inserida na educação, dentre outras relevâncias.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

Para que as mudanças observadas hoje na educação sejam entendidas, torna-se necessário o conhecimento de como a educação vem evoluindo, no país, ao longo dos anos.

A história da educação brasileira passa a ser contada, pelos historiadores, com a chegada dos portugueses ao Brasil, que coincide com o pensamento pedagógico renascentista.

O renascimento pedagógico ligou-se a alguns fatores mais gerais da própria evolução histórica. As grandes navegações do século XIV, que deram origem ao capitalismo comercial, a invenção da imprensa realizada pelo alemão Gutenberg (entre 1391 e 1400-1468), que difundiu o saber e a revolta, a emigração dos sábios bizantinos que saíram de Constantinopla para a Itália, exerceram influência no pensamento pedagógico. A invenção da bússola possibilitou as grandes navegações: (...) Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil (1500) (...) O impacto dessas descobertas favoreceu a crença nas possibilidades de o homem se superar, favoreceu o individualismo, o pioneirismo e a aventura (GADOTTI, 2002).

A pedagogia dos jesuítas, que chegaram ao Brasil em 1549, é até hoje defendida pelos adeptos a educação tradicional. A ordem dos jesuítas foi fundada em 1534 por Inácio de Loyola (1491-1556) com o objetivo de consagrar-se à educação da juventude católica. Destinava-se à formação das elites burguesas, para prepará-las a exercer a hegemonia cultural e política (GADOTTI, 2002).

Frente ao sistema econômico de colonização do país (produção de mercadorias), marcado ainda por uma mão de obra escrava (negro e índio), onde a produção açucareira foi a única base da economia colonial até meados do século XVII, a instrução e a educação só eram convenientes a camada dirigente, composta pela pequena nobreza e seus descendentes, que pelo

modelo colonial adotado por Portugal deveria servir de articulação entre os interesses da metrópole e das atividades coloniais (RIBEIRO, 2007).

Os jesuítas foram expulsos do Brasil, pelo Marquês de Pombal, em 1759 (retornando apenas em 1847), sendo que “inúmeras foram as dificuldades daí decorrentes para o sistema educacional” (ROMANELLI, 1996), pois da expulsão até a substituição dos professores ficou um buraco no sistema de ensino. Das razões do Estado para a expulsão da Companhia de Jesus na época justificava-se que esta era detentora de um poder econômico que deveria ser devolvido ao governo e, educava o cristão a serviço da ordem religiosa e não dos interesses do país (RIBEIRO, 2007).

Segundo Ribeiro (2007) surge portanto o ensino público propriamente dito, ou seja, não era financiado pelo Estado mas para a Igreja, mas sim financiado pelo e para o Estado.

Outro marco na história da educação nacional é a chegada da Família Real ao Novo Mundo, fuga de Napoleão da Europa. Com ela abriram-se os cursos superiores, objetivando a formação da elite dirigente do país. Enquanto no Século XVI os espanhóis fundaram universidades em suas possessões na América, no Brasil colônia estas instituições de ensino superior só se fizeram presente no início do século XIX, ou seja, quase três séculos mais tarde (OLIVE, 2002).

(...) D. João criou diversos cursos: no Rio de Janeiro, Academia da Marinha (1808), Academia Real Militar (1810), cursos de Anatomia e Cirurgia (1808), laboratório de Química (1812), curso de Agricultura (1814), Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios (1816); na Bahia, curso de Cirurgia (1808), cadeira de Economia (1808), curso de Agricultura (1812), curso de Química (1817), curso de Desenho Técnico (1817). Além desses cursos, D. João fundou a Imprensa Régia, em 1808, colocando em circulação a Gazeta do Rio de Janeiro, que inaugurou nosso jornalismo. Criou também nossa primeira biblioteca pública em 1814 (...) (PILETTI; PILETTI, 1985).

Desde aqueles tempos a universidade é privilégio de uma elite. Mas esta realidade está sendo mudada com os novos programas sociais de inclusão, embora a busca por uma educação

igualitária não seja novidade. Karl Heinrich Marx (1818-1883), filósofo economista, defendia a compreensão da totalidade social, onde a transformação educativa deveria ocorrer paralelamente à revolução social (GADOTTI, 2002).

Na educação residia a importância da seleção adequada do conteúdo educacional como principal meio de preparar o indivíduo para a vida social e trouxe, como resultado, a educação universal e gratuita. Especialmente Pestalozzi e Froebel consideraram a educação como meio de aperfeiçoamento social (MONROE, 1974).

Outra característica educacional do século passado foi a tentativa de se dar uma nova estrutura à educação, valorizando inclusive o ensino profissionalizante, que é outra preocupação permanente dentro do cenário nacional (NISKIER, 1989).

Com o fim da escravidão e da monarquia, começaram no Brasil os movimentos de escola para todos. A Primeira Guerra Mundial e o rápido crescimento industrial levaram à constatação da elevada taxa de analfabetismo, ocasionando movimentos de combate a esta deficiência que perdura até os dias de hoje.

O presidente Getúlio Vargas (1930-45) criou o Ministério de Educação e Saúde e, em 1931, com Francisco Campos como seu primeiro titular, foi aprovado o Estatuto das Universidades Brasileiras que vigorou até 1961 (a universidade poderia ser oficial, ou seja, pública – federal, estadual ou municipal – ou livre, isto é, particular. Deveria ainda incluir 3 dos seguintes cursos: Direito, Medicina, Engenharia, Educação, Ciências e Letras) (OLIVE, 2002). Segundo Niskier (1989), em outubro de 1948, formou-se uma comissão de educadores que pretendiam uma reforma geral no ensino. A Revolução de 1964, que colocou fim ao regime liberal, trouxe repercussões à pedagogia nacional.

O problema da educação é o de transmitir às gerações os valores, elementos de cultura e da vida institucional, e também dar ao indivíduo a liberdade para formular os seus princípios

e objetivos de vida, e para o educador fazer a seleção do material essencial para alcançar o crescimento do indivíduo e da sociedade (MONROE, 1974).

Perante este desafio, hoje muito se discute em torno da inclusão social, da alfabetização de adultos e da escola para todos, discussão esta, aliás, existente desde o descobrimento do país.

O uso dos recursos tecnológicos desponta, portanto, como uma ferramenta no auxílio de um ensino/aprendizado não apenas quantitativo, mas que preza a qualidade do conhecimento adquirido. Para regulamentar todo este processo existe no país uma legislação específica para o EAD, descrita no próximo capítulo.

4.2. LEGISLAÇÃO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EAD)

A EAD foi introduzida no sistema educacional brasileiro em 23 de dezembro de 1996 sob a Lei nº 9.394 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB) na qual, através do artigo 80, das disposições gerais, estabelece: “o Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e educação continuada”. A regulamentação dessas bases legais da EAD no Brasil foi feita através do Decreto nº 2.494, de 10 de fevereiro de 1998, Decreto nº 2.561, de 27 de abril de 1998 e pela Portaria Ministerial nº 301, de 7 de abril de 1998. A Resolução CNE/CES n.01/01, estabelece normas para o funcionamento de cursos de pós- graduação presenciais e a distância.

A legislação nacional através da Lei nº9.394/96 (que estabelece diretrizes e bases da educação nacional - LDB) reconhece que a educação presencial é imprescindível na educação infantil e ensino fundamental, sendo a EAD exclusividade nos demais níveis e modalidades de ensino, uma vez que no §4º art. 32 estabelece que: “o ensino fundamental será presencial, sendo

o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais”. Para Franciosi e Faria (2005), esta complementação ou situação emergencial a que se refere a legislação, poderá ocorrer, por exemplo, “com alunos impossibilitados de assistir as aulas de forma presencial por estarem doentes, em viagem com os pais ou por falta temporária de professores contratados”.

Em 2001, a Lei Federal nº10.172 aprovou o Plano Nacional de Educação (PNE), em 09/01/01 que vigorará por 10 anos, esta, por sua vez, ressalta a importância da educação a distância e define prazos para sua implantação e consolidação. Esta lei, no capítulo sobre EAD e tecnologias educacionais, define metas e objetivos, levando o governo a criar programas e projetos que dêem conta desta política. Desta forma, em 2005, surgiu o projeto “Pró-licenciaturas”, com o objetivo, em parceria do MEC com universidades públicas e privadas, desenvolver cursos de graduação à distância; o “portal domínio público” que consiste numa biblioteca digital programada em software livre; o “Programa Nacional de Formação Continuada a Distância nas Ações do FNDE”, dentre outros, que tem por objetivo apoiar o desenvolvimento de ações em EAD no país (FRANCIOSI; FARIA, 2005).

Em 10 de Dezembro de 2004, através da Portaria nº4.059 do MEC, foi autorizado as instituições de ensino superior a oferta de disciplinas integrantes do currículo que façam uso de modalidade semi-presencial, ou seja, além de haver cursos totalmente virtuais, pode-se constituir cursos parte presencial e parte virtual, desde que esta não ultrapasse 20% do currículo do curso.

Segundo Beiler, Pernigotti e Faria (2003), dentre as diversas razões que justificam a EAD no Brasil pode-se citar: as dimensões continentais do território nacional (flexibilização do acesso ao ensino, numa perspectiva de democratização das oportunidades); limitações financeiras para investimentos na educação e; rápido desenvolvimento de tecnologias informativas e de comunicação.

“A EAD pode contribuir para maior dinamização de projetos educacionais mediante inovações pedagógicas e metodológicas, que vão sendo incorporadas, de acordo com paradigmas emergentes em seus múltiplos princípios e normas que regem o ensino” (BEILER; PERNIGOTTI; FARIA, 2003, p. 336).

4.3 O USO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS NA EDUCAÇÃO

Vivemos hoje numa sociedade informatizada, onde a mídia apresenta muita influência nas tomadas de decisão de toda a população, sejam estas tanto do lado bom como ruim.

As mensagens que nelas passam apresentam uma miríade de valores, uns positivos, outros negativos, de difícil discernimento para aqueles que, por razões variáveis, não desenvolveram grande espírito crítico, competências que inclui o hábito de se questionar perante o que lhe é oferecido (ALARCÃO, 2003, p. 13).

O mundo, onde se encontra tanta riqueza informativa, precisa urgentemente do poder clarificador do pensamento, pois, de acordo com Morin (2000), “só o pensamento pode organizar o conhecimento. Percebe-se que a educação é o caminho fundamental para transformar a sociedade”. Isso abre um grande mercado que está atraindo grupos econômicos dispostos a ganhar dinheiro, e que importam os processos e tecnologias trazidas das empresas.

“Uma das áreas prioritárias de investigação é a implantação de tecnologias telemáticas de alta velocidade, para conectar alunos, professores e administração. O objetivo é ter cada classe conectada à Internet e cada aluno com seu computador” (MORAN, 2000). Segundo o mesmo autor, começa-se a investir significativamente no mercado de ensino à distância, da educação contínua e principalmente nos cursos de curta duração, pois em concordância a este pensamento, Cardozo (2005) coloca que uma das exigências do mercado de trabalho é a educação continuada.

“A educação *online* é fenômeno da cibercultura, isto é, do conjunto imbricado de técnicas, práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (SILVA, 2006, p. 11). Para o autor, este novo ambiente comunicacional, abre uma imensa janela de possibilidades de comunicação, sociabilidade, organização, informação, conhecimento e educação.

Entretanto, Silva (2006) ressalta que se deve tomar cuidado quanto a

Febre mercadológica de empresas e instituições de ensino que se lançam no mercado sem dar garantia ao usuário quanto a qualidade das redes disponíveis e disponibilidade de serviços de apoio e suporte, além da oferta de material didático em forma de apostilas fechadas e com dinâmica de ensino maçante.

Há uma expectativa de que estas novas tecnologias trarão soluções rápidas para o ensino, pois sem dúvida, permitem ampliar o conceito de aula, de comunicação audiovisual, e estabelecer pontes novas entre o presencial e o virtual. Mas para Moran (2000), as tecnologias embora importantes não resolvem todos os problemas que permeiam a educação. Ensinar e aprender são os maiores desafios de todas as épocas, principalmente agora em que há uma mudança no modelo de gestão industrial para o da informação e do conhecimento (MORAN, 2000). Para Blikstein e Zuffo (2006) não basta introduzir novas tecnologias, torna-se fundamental pensar em como elas são disponibilizadas, como seu uso pode de forma efetiva desafiar as estruturas até então existentes ao invés de reforçá-las.

Ao se visitar uma escola nota-se a lista de proibições que regem o uso da internet, que segundo Blikstein e Zuffo (2006) são devidas a três causas:

Em primeiro lugar, a preponderância da mentalidade de muitos dos tecnólogos (administradores de rede e projetistas de software), acostumados aos regulamentos e proibições do ambiente corporativo. Em segundo lugar, a preponderância da mentalidade de muitos dos administradores escolares, acostumados aos regulamentos e proibições do ambiente escolar e em terceiro lugar, o modelo de disponibilização de equipamentos e tecnologias, em que

escolas e professores são meros consumidores desses caros artefatos tecnológicos.

Demo apud Silva (2006), “alerta para a dificuldade de se estabelecerem relações pedagógicas adequadas entre educador e educando no espaço escolar em que predomina o autoritarismo das propostas que vêm de fora e de cima para baixo”. Para o autor, o maior problema da EAD não está na falta de tecnologia, mas na carência de aprendizagem. Portanto, para Blikstein e Zuffo (2006), a forma de disponibilização e as “mensagens ocultas” no uso desta tecnologia são tão importantes quanto a decisão de usá-las.

As tecnologias digitais e a internet são revolucionárias, segundo Blikstein e Zuffo (2006), porque sendo matéria prima digital, multiforme e de relativo baixo custo, podem ser reinventadas maximizando, desta forma, o poder de aprender.

O que toda esta parte do texto sobre escola se faz num trabalho sobre EAD pode ser justificado. É grande, por exemplo, a quantidade de softwares de gerenciamentos de cursos *online* que fazem uso de metáforas da escola, como por exemplo, clica-se no ícone “sala de aula” para acessar conteúdos, “café” para conversa informal e “secretaria” para registrar-se em disciplinas (BLIKSTEIN; ZUFFO, 2006).

Mas apesar de toda tecnologia existente um dos grandes problemas enfrentados pela EAD é a falta de conteúdo (BLIKSTEIN; ZUFFO, 2006), o que mostra que este deve ser provido por uma equipe centralizada e especializada.

Para acompanhar estas mudanças o professor contará com novas ferramentas ou interfaces (fórum, chat, blog, texto coletivo, portfólio, midiateca e videoconferências no modelo “todos-todos”) que compõem o ambiente virtual de aprendizagem (SILVA, 2006).

Unindo-se a isso tudo temos o importante papel do professor dentro desse novo contexto, é o que descreveremos no capítulo seguinte.

4.4. COMPETÊNCIA PARA OS “NOVOS” PROFESSORES E ALUNOS

Demo e Gomes apud Franciosi e Faria (2005) colocam que “a profissão docente não se define mais pela transmissão, mas pela (re)construção do conhecimento.” Diante desse magnífico mundo novo de tecnologias onde nos encontramos, repensar ou reescrever a história do perfil do educador é tão essencial quanto a existência desse educador. Franciosi e Faria (2005) ainda nos apontam um norte para esse repensar: “(...) Pensar em docência nos remete a muitas indagações, mas pensar em educação a distancia exige que questionemos no mínimo o seguinte: Que tipos de competências e conhecimentos são necessários para atuar em EAD?”

Iniciemos nossa discussão colocando as realidades que ainda precisam ser mudadas como, a viabilidade do acesso às novas tecnologias, tanto para professores quanto alunos, notadamente à Internet e aos demais objetos utilizados pelas TIC.

É imprescindível que haja salas de aula conectadas, salas adequadas para pesquisa e laboratórios bem equipados. Professores e alunos necessitam ter facilidade para a aquisição de seus próprios computadores por meio de financiamentos públicos (MORAN, 2000).

As escolas públicas e as comunidades carentes precisam ter acesso garantido para não ficarem condenadas à segregação definitiva, ao analfabetismo tecnológico. A sociedade deveria se preocupar mais com a procura de formas de diminuir a distância que separa os que podem e os que não podem pagar pelo acesso à informação.

Outro passo para que os adventos tecnológicos entrem em definitivo na vida de todas as pessoas seria ajudar professores e alunos na familiarização com o computador, seus aplicativos e utilização da Internet, mediante cursos ou ajuda personalizada. Onde podemos citar como modelo os Cursos de Capacitação Docente (CCD) oferecidos aos docentes da PUCRS, apresentado pelas Doutoradas Elaine Turk Faria e Beatriz Regina Franciosi, em seu artigo – **De**

Professor(a) Presencial a Professor(a) virtual: a capacitação docente em EAD. Onde é discutido em partes o tema desse trabalho - *o perfil do professor em EAD* e a importância da capacitação desses professores. O desenvolvimento desse tipo de projeto facilita ao professor a utilização pedagógica das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), bem como da Internet, pois a utilização da mesma requer bom senso.

Na educação a distância (EAD), a informação baseada no emissor-mensagem-receptor não funciona, pois a aula *online*, diferentemente da tradicional, está inserida na perspectiva da interatividade, entendida como colaboração “*todos-todos e como faça você mesmo operativo*” (SILVA, 2006), os cursos apresentam uma equipe multidisciplinar e os professores assumem papéis diferenciados, que incluem desde a gestão administrativa destes projetos até a atuação como professor virtual, através de ambientes virtuais de aprendizagem (CARVALHO, 2007).

A Internet é uma ferramenta que facilita a motivação, desenvolvimento da auto-aprendizagem, acesso à informação, capacidade crítica dos alunos, pela novidade e pelas possibilidades inesgotáveis de pesquisa que oferece. Essa motivação aumenta se o professor cria um clima de confiança e cordialidade entre ele e os alunos (MORAN, 2000). Mais do que a tecnologia, o que facilita o processo de ensino-aprendizagem é a capacidade de comunicação por parte do professor, uma vez que passa a ter disponíveis recursos como vídeo, imagem, som, textos, gráficos, dentre outros, que facilitam permutas, agregações, associações, novas formulações e modificações na tela do computador *online* (SILVA, 2006).

A Internet utilizada como novo meio de aprendizagem, nos dá a liberdade de criar formas de comunicação entre professores e alunos e maravilhosamente diminui as distâncias, possibilitando um acesso muito maior de pessoas ao conhecimento.

Para Silva (2006) um professor *online* precisa disponibilizar aos seus alunos:

- * múltiplas informações (em imagens, sons, textos, etc) sabendo que as tecnologias digitais utilizadas de modo interativo potencializam consideravelmente ações que resultam em conhecimento;
- * ensejar (oferecer ocasião de...) e urdir (dispor entrelaçados os fios da teia, enredar) múltiplos percursos para conexões e expressões com que os alunos possam contar no ato de manipular as informações e percorrer percursos arquitetados; e
- * estimular os aprendizes a contribuir com novas informações e a criar e oferecer mais e melhores percursos, participando como co-autores do processo.

Como o uso da Internet na educação é um “modelo de ensino” relativamente novo, alguns alunos apresentam ressalva, pois estão acostumados ao modelo tradicional de ensino em que todo o conteúdo é fornecido pelo professor, prontamente. Os resultados dessas aulas, em que se usa a Internet como ferramenta, depende muito da maturidade da classe com a qual se trabalha, o que exige adaptações para a mesma aula administrada para diferentes turmas, por parte dos professores.

Para Moran (2000) o mais importante é a credibilidade do professor, sua capacidade de estabelecer laços de empatia, de afeto, de colaboração, de incentivo, de manter equilíbrio entre flexibilidade e organização.

Existem diferentes definições para os papéis desenvolvidos pelos professores na EAD, podendo variar de acordo com a instituição que desenvolve o projeto.

O professor que atende diretamente o aluno, tirando suas dúvidas, orientando na execução das tarefas, auxiliando na organização do tempo e dos estudos é denominado tutor. Segundo Carvalho (2007) todos os trabalhos de EAD demonstram que o tutor é fundamental no processo de aprendizagem dos alunos, porque então questiona o autor, os projetos os colocam em segundo plano, muitas vezes se atentando para o planejamento e material e não muito para formação do mesmo. Como já mencionado, este precisa desenvolver habilidades de relacionamento interpessoal.

Na EAD o foco não se concentra apenas na aquisição do conteúdo, mas também em uma série de habilidades e competências que permeiam o processo de aprendizagem.

O **professor** tutor é aquele que acompanha e operacionaliza a disciplina em tempo real, podendo ser ou não, o autor do material utilizado pelo aluno (CARVALHO, 2007). É ele quem orienta os tutores sobre os objetivos a serem alcançados além de ser o responsável pela elaboração de provas e atividades. Tem como papel estabelecer uma ponte “entre a aprendizagem realizada presencialmente a partir do contato com o tutor e a aprendizagem realizada através das diferentes mídias propostas (vídeo, ambiente virtual, *CD Rom*, etc” (CARVALHO, 2007).

Desempenhando este papel encontramos, na maioria dos programas de EAD, um professor proveniente do ensino presencial, que apresenta pouca ou nenhuma experiência na modalidade *online*, e que segundo Carvalho (2007, p. 4-5), “dependendo de suas qualidades ou defeitos trazidos para a EAD estas poderão ser amenizadas ou potencializadas. Vale lembrar que este profissional precisará estar aberto a novas tecnologias e formas de aprendizado, para que o programa funcione”.

E, por fim, o gestor, que é o professor orienta os tutores e professores no processo de aprendizagem, gerenciando pedagogicamente o ambiente virtual assim como as ferramentas tecnológicas utilizadas no decorrer do curso (CARVALHO, 2007)

Com a estruturação apresentada pelo curso a distância torna-se claro a inter-relação existente entre todos os membros envolvidos, onde a ineficiência em um dos elos desta equipe acarretará em graves lacunas no processo, resultando no insucesso de todo o processo de aprendizado, o que torna fundamental a clareza dos papéis desenvolvido por cada membro.

Vale ressaltar que para Silva (2006), independentemente da educação presencial ou *online*, o que se necessita é da quebra e superação da prevalência da pedagogia da transmissão, pois o conhecimento não é passado e sim construído.

4.5 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA COMO FOI?

Iniciar uma pesquisa sobre Educação a Distância pode nos levar a pensar como foi sua história. Como surgiu o embrião de tudo que conhecemos hoje sobre ensino a distância. Que apesar de parecer novo no contexto educacional, tem suas raízes fincadas nos primórdios da história humana.

Pensando em tempos remotos podemos nos atentar na forma bíblica de disseminação de conhecimentos. Como exemplo as epístolas escritas pelos profetas e outras pessoas que pregavam suas crenças.

Olhando para a Antiguidade encontramos as famosas epístolas de São Paulo que foram usadas para levar ensinamentos evangélicos aos cristãos da Ásia Menor. As tecnologias utilizadas por São Paulo foram a escrita e o transporte, desta forma, ele realizava seu trabalho missionário, levando-o a diversos lugares ao mesmo tempo, sem ter que se deslocar de uma região à outra (BENVENUTI, 2008, p. 13).

Essa idéia inicial de ensino fora das paredes de uma sala aula alcançou grandes objetivos, pois até mesmo tabus sociais datados do século XVIII, como o ensino para mulheres foi amenizado. Assim nos mostra Benvenuti,

Reconhecendo o tabu social das relações entre homens e mulheres na Inglaterra do século XIX e a sua conseqüente barreira em termos de ensino, Stuart desenvolveu o método do estudo por correspondência, utilizando a linguagem escrita para substituir os encontros presenciais entre professores e alunas. Surgem, assim, os fundamentos do ensino por correspondência. Estas experiências podem ser consideradas como as primeiras evidências da EAD (BENVENUTI, 2008, p.13-14).

Como todo exemplo de sucesso deve ser usado para construção de um bem maior, as mulheres da América do Norte foram também privilegiadas por esse padrão de estudos por correspondência. Ana Eliot Ticknor em 1873 instituiu um protótipo semelhante para mulheres em Boston.

Na América do Norte este modelo foi adotado em 1873, por Anna Eliot Ticknor, que inspirada nos experimentos da “Sociedade Inglesa para o Incentivo ao Estudo em Casa”, instituiu um sistema similar de estudo para mulheres em Boston, Massachussets, criando a “Sociedade Americana para o Estudo em Casa”. Esta instituição funcionou por vinte e quatro anos, tendo matriculado aproximadamente sete mil mulheres em cursos por correspondência, de nível universitário (BENVENUTI, 2008, p. 14).

Podemos também analisar a EAD por fases de acontecimentos, nos situando na história com acontecimentos conhecidos de todos. Como por exemplo, o início do Telecurso no Brasil.

Segundo Gonçalves (2008) apesar de não existir um consenso sobre a ordem, a EAD pode ser dividida em quatro gerações.

Na primeira geração encontramos o Ensino por correspondência que foi a modalidade baseada essencialmente, pela troca de documentos impressos entre aluno e professor através do correio.

A segunda geração do EAD é caracterizada pela – *Teleducação* – rádio, televisão, cassetes de áudio ou de vídeo. “Nestes sistemas, a comunicação era efectuada num único sentido, com excepção do telefone e da troca de documentos em papel que completavam a difusão” (GONÇALVES, 2008, p. 29).

É nessa a fase da EAD no Brasil que vemos nascer o Telecurso 2º grau, iniciativa da Fundação Padre Anchieta (TV Cultura) e da Fundação Roberto Marinho, duas fundações conhecidas e reconhecidas por seus objetivos em melhorar, através de projetos, campanhas, parcerias, a qualidade de vida da população. Como nos confirma Benvenuti (2008):

A Fundação Roberto Marinho (FRM), entidade civil sem fins lucrativos, tem como missão mobilizar pessoas e comunidades, por meio da comunicação, de redes sociais e parcerias, para a criação e desenvolvimento de iniciativas educacionais que contribuam para a melhoria da qualidade de vida da população brasileira (BENVENUTI, 2008, p. 25).

O projeto piloto do Telecurso foi realizado em São Paulo, contando com as enormes facilidades de divulgação que as duas fundações parceiras possuíam o projeto já nasceu vitorioso. Nessa parceria as Secretarias Estaduais de Educação se encarregavam das inscrições e aplicação das provas do supletivo. O sucesso foi tão auto que os dados fornecidos por Benvenuti (2008) impressionam, pois um projeto novo termina seu primeiro ciclo de apenas um ano com números admiráveis. Veja:

Com apenas um ano de vida, o Telecurso 2º Grau concluiu seu primeiro ciclo completo, com números muito expressivos:
 1- venda dos fascículos: Cinco milhões;
 2- audiência média diária de aproximadamente oitocentas mil famílias;
 3- os alunos do Telecurso, ao prestarem os exames, apresentavam índice maior de aprovação do que a soma dos alunos dos cursos convencionais (TELECURSO, 2008).

Estes dados nos dão a dimensão do êxito do projeto. Percebeu-se, também, que as pessoas assistiam aos programas como uma forma de se reciclarem intelectualmente” (BENVENUTI, 2008, p. 26).

“A terceira geração do EAD – Serviços Telemáticos – caracterizada pela utilização dos sistemas de comunicação bidireccional entre professores e alunos” (BENVENUTI, 2008, p. 29). Nesse momento surge a Internet com tudo que ela nos oferece para exploração, propagação e construção do conhecimento.

A quarta geração da EAD nos coloca “dentro” dessa história, pois se desenvolve, no nosso dia-a-dia. Participamos do advento dessa geração. Ela é marcada pelo uso mais intenso das TIC e também pelo estabelecimento de comunidades virtuais de aprendizagem. Pela velocidade da informação, pela disseminação do pensamento crítico, pela construção das idéias e seu uso em meio virtual.

A quarta geração do EAD – Comunidades Virtuais e E-Learning – caracterizada pela proliferação de escolas virtuais, institutos virtuais, turmas

virtuais, com cursos e conteúdos acessíveis via *World Wide Web* (www), com possibilidade de aulas colaborativas e interações síncronas ou assíncronas, utilizando vários tipos de metodologias e de tecnologias que promovem e permitem o ensino e a aprendizagem através da utilização da Internet como dispositivo de mediação entre os vários intervenientes (e-Learning) (GONÇALVES, 2008, p. 30).

Tais informações criam um ambiente de ansioso desejo de aprendizado, pois se esses acontecimentos estão aqui e agora, é hora do mundo, conhecedor das novas necessidades se apoderar de tudo que a geração da informação ofereça para um aperfeiçoamento pessoal e profissional.

Em nosso próximo passo discutiremos um pouco sobre os conceitos de E-learning, Construtivismo e suas significâncias em EAD.

4.6 O E-LEARNING E O CONSTRUTIVISMO

Construir/construtivo no dicionário é “(...) formar ou construir gradativamente, por acréscimo de elementos, ao longo do tempo”. Ou “que visa renovar, corrigir, melhorar, aperfeiçoar aquilo que já existe” (CONSTRUIR, 2009).

O conceito pedagógico do construtivismo coloca o aluno como plano central da tarefa da aprendizagem, como ser ativo em seu processo aquisição de valores e competências. Defende o aluno como ser capaz e conhecedor das bases do próprio conhecimento. Gonçalves (2008) coloca:

A natureza construtivista da aprendizagem assenta no pressuposto de que os alunos não são recipientes passivos da informação, mas, pelo contrário, são sujeitos activos na construção do conhecimento através da interacção com o ambiente. A noção básica do Construtivismo é a de que os indivíduos são activos na construção do seu próprio conhecimento, construindo o seu

conhecimento baseado nas suas experiências prévias (GONÇALVES, 2008, p. 7).

Nessa nova geração de modelos educacionais (EAD) o construtivismo surge como a teoria de base para essa nova proposta. Pois os alunos e professores que se propõem a ensinar e aprender por essa modalidade de ensino precisam admitir que não existe conhecimento sem uma participação ativa, sem a interação e colaboração entre todas as partes envolvidas no processo cognitivo.

Gonçalves (2008) explica: “Os processos da aprendizagem construtivista devem situar-se em contextos ricos em recursos e materiais de aprendizagem, mas essencialmente que ofereçam oportunidades para a interação social” (GONÇALVES, 2008, p. 7).

Então para que exista no modelo construtivista, aprendizagem, é necessário que se tenha material previamente preparado para que esse aluno possa interagir de forma a assimilar aquilo que está estudando. E nesse ponto entra a tecnologia, as TIC surgem nesse cenário construtivista como ferramenta essencial para esse modelo educacional. Como segue:

Num ambiente de aprendizagem construtivista a tecnologia dá aos estudantes maior autoridade para associar ativamente as suas aprendizagens e flexibilidade de como, onde e quando estudar. Assim, este ambiente de aprendizagem coloca os estudantes no centro da experiência de aprendizagem e incentiva-os a construir e evoluir ativamente nas suas estruturas de conhecimento. A tecnologia permite facilmente que os estudantes reflitam sobre a sua aprendizagem e se questionem sobre as suas habilidades metacognitivas (GONÇALVES, 2008, p. 7).

Assim surge o novo conceito de aprendizagem virtual o e-learning, comumente conhecido como “aprendizagem eletrônica”, que possui o potencial necessário para aprendizagem a distancia, tendo tudo o que é necessário para o desenvolvimento do aluno e para o trabalho do professor. Como nos coloca Dias e Cação (2003 apud GONÇALVES 2008):

O e-Learning (...) apresenta-se actualmente, como a forma mais utilizada do ensino a distância, potenciada pelas novas tecnologias de informação e comunicação. Está intrinsecamente associado à Internet e ao serviço WWW,

que pelo seu potencial em termos de facilidade de acesso à informação, independentemente do momento temporal e do espaço físico, pela facilidade de rápida publicação, distribuição e actualização de conteúdos, pela diversidade de ferramentas e serviços de comunicação e colaboração entre todos os intervenientes no processo de ensino – aprendizagem (...) (GONÇALVES, 2008, p. 3).

A educação a distancia nesse ponto de vista é o modelo pedagógico ideal, a ferramenta necessária para a construção de conhecimentos de forma significativa. Para que se torne então um sucesso educacional absoluto, que supere os desafios enfrentados pelos modelos educacionais já conhecidos, faltam apenas a utilização correta, a preparação no tempo certo, a desmistificação de algumas teorias, a divulgação e o comprometimento por parte dos profissionais que nela atuarem. Tomando como objetivo central a aquisição do conhecimento.

Reforçamos assim a necessidade da preocupação e preparação do perfil do profissional que pretende trabalhar com EAD, está nas mãos dele ajudar a transformar o sujeito principal de qualquer que seja a modalidade de ensino – o aluno. Necessita-se de profissionais comprometidos com o formar e o “se” formar. Que tenha bem delimitada a certeza de que o aluno é parte integrante da própria formação.

No capítulo seguinte apresentaremos os dados conseguidos no trabalho de pesquisa, analisando cada ponto para termos uma noção bem formada de quem foi o professor-tutor do Telecurso TEC no ano de 2009.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A preocupação com o perfil de professores em projetos de EAD cresce juntamente com o número de cursos oferecidos nessa “nova” proposta de trabalho educacional. A idéia da flexibilidade de horários, onde se possa conciliar a correria do dia a dia com os estudos é tentadora, porém alguns cursos muitas vezes enfrentam uma demanda de evasão considerável, pois o mesmo entusiasmo criado pelo conceito de “liberdade de horários” se torna um peso quando enfrentados por alunos que tem sua história educacional baseada no ensino presencial. Que trás a imagem do professor como a de um juiz que irá inquirir o seu melhor. Somando-se a isso uma conseqüente quebra da rotina presencial, pode terminar causando um impacto desmotivador.

A compreensão espaço-tempo ou a redefinição destas duas categorias tão essenciais ao ser humano provoca uma dificuldade em lidar com o tempo (que sempre parece mais longo de que é de fato) e com as distancias (a não exigência presencial provoca o isolamento e sensação de abandono no aluno) (CARVALHO, 2007, p. 5).

Diante disso as instituições que trabalham ou pretendem trabalhar com EAD precisam ter em mente a importância de traçar o perfil dos tutores que irão trabalhar com esse aluno que ainda não possui a característica de ser autodidata na busca de seus conhecimentos.

Os idealizadores do Telecurso TEC se preocuparam com isso, e criaram um Guia de Implantação do Telecurso TEC no CEETEPS, desenvolvido pela CEaD (Centro de Educação a Distância) que descreve quais os requisitos para o professor que pretendesse atuar no mencionado projeto.

Ateremo-nos apenas em alguns itens do referido guia para nos ajudar a fazer a análise dos resultados obtidos com o questionário e a entrevista realizada. Sendo os principais:

- Ter formação específica no eixo tecnológico de Gestão e Negócios;
- Professores que estiverem participando do curso de Formação de Orientadores oferecido pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) aos professores do Centro Paula Souza;
- Professores que tenham pós-graduação em qualquer área que tenha na composição da carga horária do curso.

Na seqüência apresentam-se os resultados obtidos. A aplicação do questionário se deu por meio de mídia digital, encaminhados aos sujeitos por e-mail. Foram contatados 20 professores tutores, que atuaram no Programa Telecurso TEC no ano de 2009, desses, apenas 06 respondeu ao questionário, perfazendo um total de 30% de participações.

Ainda em tempo foi realizada uma entrevista (Apêndice B) semi-estruturada, com o coordenador geral do Teletec do Centro Paula Souza. Para acrescentar as características primeiramente traçadas para o início do projeto.

O gráfico da figura 1 apresenta o índice de respondentes do sexo masculino e feminino. 100% dos sujeitos respondentes são mulheres, porém não significa que todos os professores tutores foram mulheres, mas as que responderam o questionário.

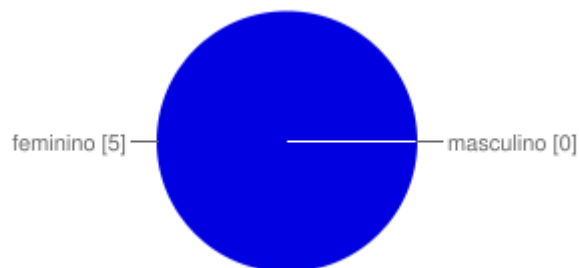


Figura 1 - Sexo dos respondentes.

No gráfico da figura 2 temos a formação desses respondentes, 100% possui graduação, exigência mínima pra ingressar como professor no CEETEPS. 01 respondente possui

especialização e 01 respondente cursou mestrado, indicando que, 40% dos respondentes frequentou pós-graduação, uma das solicitações para ingresso como professor do Telecurso TEC.

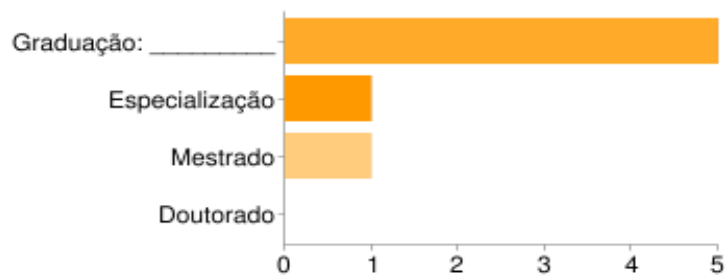


Figura 2 - Nível de escolaridade.

O gráfico da figura 3 apresenta o resultado de uma questão inserida para tentar comprovar uma das hipóteses levantadas no projeto, que os professores em sua maioria seriam professores com pouco tempo de contrato no CEETEPS e que, por serem mais novos em relação aos com maior tempo de casa, seriam mais acessíveis a propostas inovadoras, como o Telecurso TEC. O gráfico a seguir (Figura 3) ilustra a distribuição do tempo de casa dos respondentes:

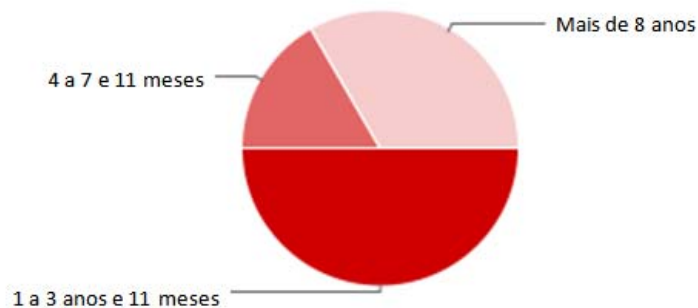


Figura 3 - Tempo de casa.

Nos resultados obtidos conseguimos visualizar que esses professores são relativamente novos – em média 4 anos de casa - porém, não são maioria exclusivamente pelo fato de quererem participar de novos desafios, como nos relata o Coordenador do Projeto no CEETEPS em sua entrevista, como segue:

Os professores em sua maioria eram professores mais novos de contratação ou mais antigos? Por quê? O que decidiu quem iria participar nesse sentido, foi o horário de trabalho do projeto pois, em sua maioria os treinamentos, reuniões, aulas presenciais aconteceriam aos sábados, fato que desmotivou muitos a quererem participar, e como regra de atribuição de aulas, como você bem conhece, os professores mais antigos possuem geralmente uma pontuação docente maior, que dá a ele o direito de escolher suas aulas primeiro e assim eles acabaram pegando somente as aulas durante a semana e ficando para o professor recém contratado as aulas do Telecurso TEC aos sábados.

O gráfico da figura 4 nos mostra um dado importante conforme abordado no capítulo do Referencial teórico deste trabalho, sobre as competências necessárias para os “novos” professores - o conhecimento das TIC. Como inicialmente colocado, o advento da informatização aconteceu de forma veloz, e nesse contexto como ficou a realidade da capacitação dos professores? De que forma o professor se capacitou para tudo isso? Como nossos profissionais da Educação estão se adequando a essa nova era do ensinar? Ainda são necessárias muitas transformações, mas como veremos no gráfico a seguir, mesmo sem a preparação “especializada” para o trabalho o professor os projetos lançados na modalidade EAD, estão se adaptando e conseguindo seu propósito que é ser o intermediário entre o aluno e sua capacidade de aprender.

Podemos considerar com os resultados que nenhum deles possuía um grau avançado de conhecimento nas TIC, problema pensado pelos idealizadores do Telecurso TEC. Como nos relata novamente o coordenador do projeto:

Existiu uma exigência quanto ao conhecimento em informática, os professores precisariam possuir um conhecimento mais específico? Não, tanto que a proposta previa algumas horas de treinamento para o professor pudesse se inteirar do funcionamento do projeto.

O gráfico da figura 4, a seguir, apresenta o grau de conhecimento em TIC, conforme pontuado pelos respondentes:

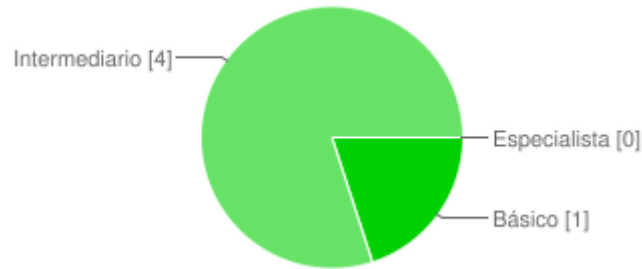


Figura 4 - Grau de conhecimento de TIC.

Dentre as perguntas feitas no questionário investigativo estavam qual a idade do professor, para sabermos se são os recém formados, com idade entre 20 e 30 anos os que mais se interessam por esse tipo de proposta pedagógica ou os mais experientes, com mais tempo de práticas pedagógicas, que terminam tendo como base o ensino presencial. Como resultado tivemos que 60% dos entrevistados tem idade entre 31 e 40 anos e onze meses e os outros 40% por cento estão na faixa etária maior de 41 anos. Comprovando que mesmo sem uma cultura totalmente baseada em uso pedagógico das TIC, os professores mais experientes também se interessam por esse tipo de desafio didático.

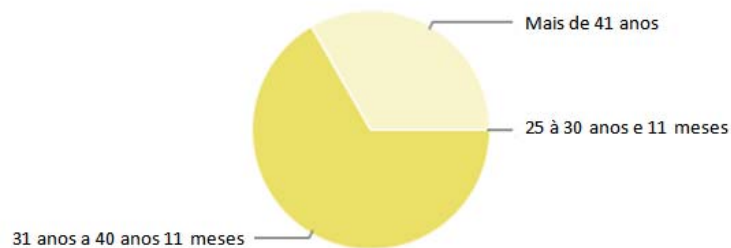


Figura 5 - Faixa etária.

Outras duas questões levantavam dados sobre como o projeto mudou o perfil do professor em sala de aula presencial e por que o referido professor se motivou a aceitar o trabalho. Praticamente 90% responderam que sua prática pedagógica diária mudou e que o ponto motivador foi a inovação e o aprender a fazer o novo.

Como ultima questão, mas não menos importante, tínhamos qual seria na opinião deles a respeito das características mais importantes ao perfil do profissional que pretendesse ou que já trabalhasse com EAD. De uma lista apresentada no próprio questionário as mais apontadas foram: **a capacidade de adaptação; compreender o que é um facilitador de aprendizagem e agir como tal, deixando alguns vícios de professor detentor do conhecimento; capacidade para desenvolver nos alunos autonomia na aprendizagem, pensamento crítico, controle do tempo para as atribuições exigidas no curso e o compromisso com o conhecimento e com o próprio desenvolvimento.**

6. CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES

Em um país que a educação nasceu em meio a uma política escravista como proposta de preparar apenas os descendentes da burguesia. Avançamos hoje a passos largos, apesar de lentos ainda, para uma evolução já aderida pela Europa e tantos outros países desenvolvidos.

Com uma legislação relativamente nova a EAD, nasce e se mostra mais forte no cenário educacional brasileiro com propostas importantes como a do Telecurso TEC, objetivando alcançar aquela parcela da população que por tantos motivos se encontram fora do circuito do conhecimento.

E iniciativas como essas quando bem implementadas podem fazer uma grande diferença na vida de muitas pessoas. A proposta desse trabalho de pesquisa era elucidar parte do perfil do profissional que atuou em um período (ano de 2009) nesse projeto, para talvez de maneira simples ajudar em outras etapas do mesmo.

O objetivo era caracterizar esse profissional e dizer como ele ficou depois dessa experiência. Em suma, como resposta as nossas perguntas, percebemos que esse professor é o nosso professor tradicional, que em sua formação teve pouco ou nenhum preparo para esse tipo de proposta pedagógica, mas que mesmo assim aceitou e aceita as novas propostas educacionais, pois seu compromisso é como conhecimento seja dele ou do seu alunado. E como demonstrado entrou como leigo e saiu profissional detentor da certeza que para ser professor-tutor é necessário o compromisso com o seu próprio desenvolvimento, tinha pouco conhecimento sobre a utilização das TIC no desenvolvimento pedagógico e saiu do projeto tranquilo para utilizá-las em seu dia-a-dia seja em salas virtuais ou presenciais.

Temos a certeza de que muito à que se estudar sobre esse e outros projetos do tipo, aprofundando-se principalmente na análise do perfil do professor que se predispõe a trabalhar com esse tipo de desafio, saber o que lhe falta, o que tem para acrescentar. De que forma esse

profissional essencial ao sucesso de qualquer projeto educacional, pode se preparar e continuar contribuindo para o sucesso de toda uma nação.

REFERÊNCIAS

ARLACÃO, I. *Professores Reflexivos em uma Escola Reflexiva*. São Paulo: Cortez, 2003

BEILER, A.; PERNIGOTTI, J.M.; FARIA, E.T. Legislação e avaliação em EAD: emergências legais e a geração de processos de territorialização e desterritorialização. In: _____. **Educação à distância: cartografias pulsantes em movimento**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003. p. 337-348.

BENVENUTI, M.I. **Telecurso TEC: transformando a educação técnica de nível médio e modificando o perfil do coordenador pedagógico**. Pós Graduação (Especialização em Administração Escolar e Coordenação Pedagógica) – Universidade Veiga de Almeida, São Paulo, 2008.

BLIKSTEIN, P.; ZUFFO, M.K. As sereias do ensino eletrônico. In: _____. **Educação online**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006. p. 25-40.

BUARQUE, C.A. **A aventura da Universidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1994.

CARDOZO, A. A.S. **O papel do orientador acadêmico/tutor: o olhar das cursistas do ensino a distância em Ouro Preto. 2005**. Monografia.(Especialização). Centro de Educação Aberta e a Distância, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2005.

CARVALHO, A.B. Os múltiplos papéis do professor em educação à distância: uma abordagem centrada na aprendizagem. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE, 18., 2007, Maceió. **Anais...** Maceió: EPENN, 2007.

CASTRO, C. Ensino pontocom. **Super Interessante**, São Paulo, 2003.

CONSTRUIR. In: CALDAS AULETE. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa (Digital)**. Lexikon Editora Digital, 2009.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. Brasília: DF/MEC/UNESCO, 2000.

FRANCIOSI, B.R.T.; FARIA, E.T. Recursos da educação a distância no ensino presencial. In: _____. **Educação Superior: vivências e visão de futuro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** Tradução de R.D. de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

GADOTTI, M. **História das idéias pedagógicas**. 8. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

GIL, J.M.S. **A caixa de surpresas: possibilidades educativas na informática**. Porto Alegre: Revista Pátio, 1999.

GONÇALVES, A.M.H. **O perfil do professor/tutor em cursos online**. 209 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Universidade Aberta, Lisboa, 2008.

LALLI, F.M.; BUENO, F.F.; ZACHARIAS, G.K. **Evolução da programação WEB**. 68 f. (Trabalho de Conclusão do Curso) – Faculdade Comunitária de Campinas, 2008.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIBÂNEO, J.C. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

MONROE, P. **História da educação**. 10. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1974.

MORAN, J.M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2000.

MORIN, E. Ensinar a compreensão. In: _____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000. Cap. 7, p.105-115.

NISKIER, A. Uma visão crítica da educação brasileira. In: _____. **Educação brasileira: 500 anos de história**. São Paulo: Melhoramentos, 1989. p.18-25.

OLIVE, A.C. Histórico da educação superior no Brasil. In: _____. **A educação superior no Brasil**. UNESCO, 2002. p. 31-42.

OLIVEIRA, E.G. **Educação a distancia na transição paradigmática**. Campinas: Papirus, 2003. 32p.

PILETTI, C.; PILETTI, N. **Filosofia e história da educação**. São Paulo: Ática, 1985.

PIMENTEL, M.G. **O professor em construção**. Campinas: Papirus, 1993.

PINHO, S. Z. **Sobre método: tópicos para o ensino superior**. Botucatu: Copyright UNESP/PROGRAD/IBB, 1999 (Hipertexto).

RIBEIRO, M.L.S. **História da educação brasileira: a organização escolar**. 20. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

ROMANELLI, O.O. **História da educação no Brasil**. 18. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

SANTOS, B.S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, M. **Educação online**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

TELECURSO. Desenvolvido pela Fundação Roberto Marinho, pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e pelo Serviço Social da Indústria (SESI). **Apresenta texto sobre ensino fundamental e médio via televisão**. Disponível em: <<http://www.telecurso2000.org.br>>. Acesso em: 25 mai. 2008.

WWW.globonews.globo.com/Jornalismo/GN/0,,MUL1331613-17665-304,00.html, acesso em 01/10/10

**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELOS PROFESSORES DO
TELECURSO TEC NO ANO DE 2009.**

1. Qual seu sexo?
 feminino
 masculino
2. Qual sua formação?
3. Quanto tempo de trabalho na instituição?
4. Qual sua idade?
5. Qual seu nível de conhecimento em informática ao iniciar o projeto?
 Básico
 Intermediário
 Especialista
6. O que o levou a aceitar o desafio do teletec?
7. Pensando na prática pedagógica, a participação no projeto contribuiu para seu aperfeiçoamento?
8. Você exerce alguma outra atividade remunerada?
9. Diante das novas tecnologias e exigências do mercado, o que você considera necessário ao perfil professor que pretende ou trabalha em EAD?
 flexibilidade de idéias
 capacidade de adaptação
 domínio das novas tecnologias

APÊNDICE B – ENTREVISTA COM O COORDENADOR DO TELECURSO TEC DO CENTRO PAULA SOUZA.

1. Como foi o planejamento para a implantação do projeto?
2. Qual a principal preocupação quando se decidiu os requisitos de contratação?
3. Quem seriam os professores?
4. E as exigências para as Etec's que sediariam o projeto?
5. Seu acompanhamento aconteceu de que forma?
6. Como ficou estruturada a equipe de gestão?
7. Como foi a experiência?
8. Os professores em sua maioria eram professores mais novos de contratação ou mais antigos? Por quê?
9. Em instrução qual o grau exigido, somente graduação ou especialização no mínimo?
10. Existiu uma exigência quanto ao conhecimento em informática, os professores precisariam possuir um conhecimento mais específico?